



**“SOMOS UM POVO COMO OS OUTROS”
PARA DELEUZE E A CAUSA PALESTINA *PERVIVEREM* EM NÓS**

Ester Maria Dreher Heuser¹

Resumo: Este ensaio tem como meta dar *pervivência* – no sentido atribuído ao termo por Haroldo de Campos em sua experiência de tradução criadora que dá vida nova aos textos traduzidos – à causa palestina e ao apoio do filósofo Gilles Deleuze a ela. Isto é feito orientado por traços da prática da montagem que Georges Didi-Huberman recuperou e atualizou, como método formal e maneira de pensar e de produzir conhecimento, nas artes e nas ciências humanas, como estratégia de resposta ao problema da construção da historicidade, do trabalho com as complexidades do tempo. A montagem realizada pretende ser uma resposta a um dos tantos anacronismos do mundo, elaborada por meio de um ‘reencadeamento’ de partes de textos deleuzianos produzidos e publicados ao longo dos anos 80. Concebe-se que neste trabalho subjaz a compreensão e a operação do pensamento como ato de corte, de enquadramento e de montagem, propriamente como tradução transcriadora, por meio da qual textos e autores *pervivem*. Os três textos de Deleuze selecionados, surpreendentemente atuais ao que vem se passando com o povo palestino desde sete de outubro de 2023, são: 1) “Os índios da Palestina”, uma conversa publicada no Jornal *Libération*, 8-9 de maio de 1982, com o amigo Elias Sanbar, criador da *Revista de estudos palestinos* e da qual foi redator-chefe por 25 anos; atualmente é embaixador palestino na UNESCO. Além da recém-criada *Revista*, que Deleuze percebe como o amadurecimento do “tom” palestino que testemunha uma “nova consciência” capaz de falar de “igual para igual com todo mundo” que lembra, mostra, afirma e insiste que os palestinos existem, apesar de terem sido evacuados de seu território, o filósofo menciona uma comparação feita por Sanbar no livro *Palestina 1948, a expulsão*: os palestinos são os peles-vermelhas dos colonos judeus da Palestina, e devem desaparecer, tal como foi o processo que fez nascer os Estados Unidos. Essa comparação dá azo para o direcionamento da conversa entre os amigos, mas também para o texto do ano seguinte, 2) “Grandeza de Yasser Arafat”, de 1983, no qual Deleuze problematiza as consequências da visão religiosa e mística alimentada pelo sionismo e resumida na fórmula de Israel, que afirma não ser um povo como os outros, ao que os palestinos respondem o contrário: que eles, palestinos, são um povo como os outros e não querem nada mais que isso. Por fim, o texto 3) “As pedras”, de 1988, redigido a pedido dos diretores da *Revista Al-Karmel* após o começo da Primeira Intifada, em 9 de dezembro de 1987 – o ‘despertar súbito’ dos palestinos, que durou até 1993, quando os ‘Acordos de Oslo’ foram assinados, mediados por Bill Clinton. No Brasil, esses textos estão publicados em *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*.

Palavras-chave: Filosofia. Causa Palestina. Deleuze.

Resumen: Este ensayo pretende dar *pervivencia* – en el sentido que le atribuye al término Haroldo de Campos en su experiencia creativa de traducción que da nueva vida a los textos traducidos – a la causa palestina y al apoyo del filósofo Gilles Deleuze a ella. Esto se hace guiado por huellas de

¹ Professora-pesquisadora Associada da UNIOESTE, Campus Toledo (PR), no curso de Filosofia - Licenciatura, Mestrado e Doutorado (Linha: Ética e Filosofia Política). E-mail: esterheu@hotmail.com.

la práctica del montaje que Georges Didi-Huberman recuperó y actualizó, como método y modo formal de pensar y producir conocimiento, en las artes y las ciencias humanas, como estrategia para responder al problema de la construcción de historicidad, de trabajo con las complejidades del tiempo. El montaje creado pretende ser una respuesta a uno de los muchos anacronismos del mundo, elaborado a través de un 'reencadenamiento' de partes de textos deleuzianos producidos y publicados a lo largo de la década de 1980. Se concibe que este trabajo subyace a la comprensión y funcionamiento del pensamiento como un acto de corte, encuadre y montaje, propiamente como una traducción *transcreadora*, a través de la cual sobreviven textos y autores. Los tres seleccionados textos de Deleuze, sorprendentemente actuales sobre lo que le sucede al pueblo palestino desde el 7 de octubre de 2023, son: 1) “Los indios de Palestina”, una conversación publicada en el periódico *Libération*, el 8 y 9 de mayo de 1982, con su amigo Elias Sanbar, creador de la *Revista de Estudios Palestinos* y de la que fue editor jefe durante 25 años; actualmente es embajador palestino ante la UNESCO. Además de la revista recién creada, que Deleuze percibe como la maduración del ‘tono’ palestino que da testimonio de una ‘nueva conciencia’ capaz de hablar ‘de igual a igual con todos’ que recuerda, muestra, afirma e insiste en que los palestinos existen, a pesar de haber sido evacuados de su territorio, el filósofo menciona una comparación hecha por Sanbar en el libro *Palestina 1948, la expulsión*: los palestinos son los pieles rojas de los colonos judíos de Palestina, y deben desaparecer, como lo hizo el proceso que dio origen a los Estados Unidos. Esta comparación conduce a la orientación de la conversación entre los amigos, pero también al texto del año siguiente, 2) “La grandeza de Yasser Arafat”, de 1983, en el que Deleuze problematiza las consecuencias de la visión religiosa y mística alimentada por el sionismo y resumida en la fórmula de Israel que pretende no ser un pueblo como los demás, a lo que los palestinos responden lo contrario: son un pueblo como los demás y no quieren más que eso. Por último, el texto 3) “Las piedras”, de 1988, escrito a petición de los directores de la *Revista Al-Karmel*, tras el inicio de la Primera Intifada, el 9 de diciembre de 1987, el ‘despertar repentino’ de los palestinos que duró hasta 1993, cuando se firmaron los ‘Acuerdos de Oslo’, con la mediación de Bill Clinton. En Brasil, estos textos se publican en *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*.

Palabras-clave: Filosofía. Causa Palestina. Deleuze.

DAS PERPLEXIDADES QUE LEVAM A LER, ESCREVER, ELABORAR E DAR PERVIVÊNCIA

A exposição a seguir é um processo de elaboração intelectual, atravessada por muitos afetos, nascida de duas perplexidades: a) uma delas deixou-me, primeiro, abalada, atordoada e atônita, em verdadeiro choque de espectadora, e isso teve data e local: 7 de outubro de 2023, nas bordas da Faixa de Gaza, e depois dentro dela; desde ali senti-me frente a um abismo, diante do horror produzido pelas imagens e narrativas, as quais, primeiro, só contavam metade da história: a versão do Estado de Israel, a qual dizia que os palestinos se recusaram a fazer o acordo de divisão territorial nos idos de 1947, sem, contudo, revelar que a ‘Partilha’ era desproporcional, uma vez que 700 mil judeus ficariam com 53% do território e 1 milhão e 400 mil árabes, com 47% dele. No esforço para não cair no fácil maniqueísmo a que a mídia corporativa estava tentando arrastar-me, dei-me conta de que era preciso desviar do caminho mais fácil produzido por ideias

inadequadas, porque confusas e mutiladas, cujos efeitos são distintos de suas causas e nos impedem de compreender, tendo como consequência a moralização e o julgamento generalizados, pois, como pensava o judeu heremizado² da comunidade judaica, Spinoza: “basta não compreender para moralizar” (Deleuze, 2002, p. 29).

No caminho indicado pelo ‘príncipe dos filósofos’, sobre a necessidade da produção de ideias adequadas capazes de criar noções comuns e, conseqüentemente, uma compreensão complexa na qual não cabem Bem e Mal, busquei reduzir um pouco da minha ignorância sobre aquele lugar do mundo e seus ocupantes; recorri ao óbvio, mas demorado: busquei informações históricas e testemunhos de quem ocupa o território, assim como de quem foi enxotado dele e reinventou-se para as bandas de cá³. Nessa busca histórica, apareceu um fio de memória: Deleuze foi sensível à causa palestina e, pela escrita, lutou nas trincheiras em defesa do povo que é “singularmente inocente de qualquer holocausto” (Deleuze, 2016b, p. 253). Deleuze publicou textos sobre a causa palestina, que estão compilados na coletânea de textos esparsos *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)* (2016). Para essa montagem, recorreremos a três deles: o primeiro, “Os índios da Palestina” (2016a), publicado no *Libération* em 1982, é uma conversa com o amigo Elias Sanbar, idealizador e, à época, editor-chefe da *Revista de estudos palestinos* (França), e atualmente embaixador palestino na UNESCO⁴; o segundo, publicado justamente nessa *Revista*, “Grandeza de Yasser Arafat” (2016b), de 1983, ano em que o líder palestino alterou sua estratégia rumo à criação do Estado da Palestina: mudou-se para a Tunísia e passou do conflito armado para a negociação com o Estado de Israel, o que lhe rendeu, além de um prêmio Nobel da Paz, a pecha de submisso a Israel, pela oposição palestina, que, uma parte, desde 1986 articulava-se no Hamas; o terceiro texto, de 1988, foi redigido a pedido dos diretores da *Revista Al-Karmel*, após o começo da Primeira Intifada, em 9 de dezembro de 1987 – o ‘despertar súbito’ dos palestinos, que durou até 1993, quando os ‘Acordos de Oslo’ foram assinados, mediados por Bill

² Aquele que recebe o *herém*, a forma mais severa de excomunhão usada por rabinos contra um membro da comunidade, devido a algo considerado imoral ou ilegal no judaísmo.

³ Além de buscas em sites de análises políticas e históricas, destaco a importância dos depoimentos e análises de Ualid Rabah, presidente da FEPAL – Federação Árabe do Brasil, filho de pais palestinos refugiados no Brasil, natural de Toledo/PR. Em agosto de 2023, ele havia participado da atividade de extensão do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UNIOESTE, quando descreveu como uma série de mitos falsificaram a história da Palestina para justificar sua tomada por estrangeiros euro-judeus, desde a ideia falsa de “retorno” à..., de que a Palestina seria uma “terra desolada” e “desértica”, passando pela grosseira invenção de que ela seria uma “terra sem povo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NvMS8jCGIBc&t=9s>. Acesso em: 07 jan. 2024.

⁴ Dentre muitos livros sobre a Palestina, Elias Sanbar publicou, em 2013, *La Palestine expliquée à tout le monde*, onde ele propõe pensar a Palestina desde uma perspectiva estruturalmente plural e policrômica. Distingue os palestinos de outros povos que produzem sua própria história; em lugar disso, qualifica-os como guardiões de uma terra que não se parece com nenhuma outra. Para ele, embora cada habitante pertença a alguma religião, todos partilham da antiga e profunda convicção de que essa terra é o repositório de tudo o que se passou naquele lugar. O que pertence a todos os palestinos é o que lá se passou. Defende que essa pluralidade e policromia estão em risco pelas exacerbadas reivindicações identitárias baseadas em afiliações religiosas e que justificam, a cada vez, novos banhos de sangue perpetrados pelo exército de Israel.

Clinton. Em seu texto originalmente intitulado “Lá de onde ainda podem vê-la” e publicado em árabe, Deleuze problematizou a “Guerra das pedras”, que começou por um levante espontâneo no campo de refugiados de Jabaliyah – situada a 40 metros do nível do mar, no extremo Norte da Faixa de Gaza –, quando a população civil palestina atirou paus e pedras contra os militares israelenses desde um *topos* que permitia avistar o horizonte de sua terra, essa mesma que hoje tantos por ela lutam e morrem, apesar dos muros, da falta de horizonte e de toda a desmesurada violência infundável de Israel e de seus covardes aliados. Na referida coletânea, o terceiro texto sobre a causa palestina é intitulado “As pedras” (2016c)⁵. Daí adveio a outra perplexidade: b) essa, no sentido de espanto, admiração e maravilhamento, apesar da tragicidade do tema: como podem três textos breves, datados, referentes a episódios específicos e localizados ser tão contemporâneos e ter tamanha atualidade ao que presenciamos?

Apesar da incompreensão de muitos aspectos continuar sendo a sombra desse episódio, por mais que estudemos e elaboremos, coletivamente, explicações a respeito das causas e consequências do maior massacre do século XXI, avalio que ao lado da pesquisa histórica precisa estar a problematização filosófica. Dar a ver e ouvir o processo de elaboração de um filósofo a respeito da causa palestina — que é, na definição de Deleuze (2016, p. 252), “o conjunto das injustiças que esse povo sofreu e não para de sofrer” — para, além de contribuir nas nossas elaborações e nos tirar da perplexidade, do estupor e da indiferença de alguns, fazer também esse filósofo, com seus desassossegos, e a causa palestina *perviverem* em nós.

PERVIVÊNCIA TRANSCRIADORA POR MEIO DE UMA MONTAGEM

Pervivere, verbo intransitivo latino, com sua capacidade de apresentar o sentido completo de sua ação nele mesmo, infelizmente sofreu modificação na língua portuguesa, foi vertido para ‘sobreviver’. Embora *pervivere* signifique também ‘continuar a viver’, como é para nós o sentido de ‘sobreviver’, designa, mais complexamente ainda, a noção de ‘viver por meio de ou através de’ – não só por meio de aparelhos ou por alimentação endovenosa, por exemplo –, mas com um sentido de vivência que continua independentemente do tempo, que *pervive*. Para nossa sorte, o castelhano manteve o termo latino na forma de *perviver*. Para essa elaboração, tomo o termo emprestado de nossos *hermanos*, no sentido usado por Haroldo de Campos (2013), que, por meio do trabalho *transcriador*, fez poemas, textos, autores renascerem e reviverem por meio da ‘leitura-tradução’. Os poetas e escritores traduzidos por Haroldo de Campos ganharam uma “atemporalânea

⁵ Os três textos de Deleuze compõem o projeto áudio-fônico “Eu li filosofia pra ti” e estão disponíveis na plataforma *Spotify*: “Os índios da Palestina” <https://spotify.link/44IvPEO63Db>; “Grandeza de Yasser Arafat” <https://spotify.link/FRTL7XR63Db>; “As pedras” <https://spotify.link/1AFsT3M63Db>. Acesso em: 07 jan. 2024.

pervivência” (Peterle, 2013), porque, por meio de seu trabalho entre as línguas, a de partida e a de chegada, ele fez os elementos traduzidos independarem do tempo, outra nuance que pode estar no termo *pervivência*: por exemplo, um Homero que é aquele primeiro, o grego, mas que também é outro, por meio da tradução, a qual renova o primeiro, mas mantém o seu eco⁶.

Sopadas as devidas proporções e peculiaridades, Haroldo de Campos dá margem para que consideremos a *transcrição*⁷ também como tarefa daqueles que lidam com textos traduzidos, pois ler e escrever com eles é também processo tradutório criador, uma vez que experimentamos e criamos versões das leituras que fazemos dos artigos, capítulos e livros até então fechados nas estantes ou armazenados em algum *site* desse louco mundo da rede mundial de computadores. Transcriamos e damos *pervivência* aos filósofos e filósofas a cada aula, escrito e comunicação que inventamos (Corazza, 2013; Heuser, 2018).

No XXVI Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da UNIOESTE, assim como neste Dossiê, alguns filósofos e filósofas ganharam sobrevida, foram vivificados, *pervivem*, muitos outros não. Neste caso específico, como já dito, ganharão *pervivência* Deleuze e a causa palestina entre nós, espero que os honrando. Isto será feito inspirado em traços da prática da montagem que Georges Didi-Huberman (2012) recuperou e atualizou, a partir de trabalhos feitos durante as grandes guerras na Europa, como método formal e como maneira de pensar e de produzir conhecimento, nas artes e nas ciências humanas, em meio à “desordem do mundo ocidental” (Huapaya, 2016, p. 113). Entre os pensadores que recorreram a este método, para criar e pensar, estão dramaturgos, filósofos e cineastas, como Bertolt Brecht, Walter Benjamin, Sergei Eisenstein. Cada um adaptou a montagem à sua maneira de pensar (teatro, filosofia, cinema), com a finalidade de se haver com as problemáticas do seu próprio tempo, marcado pelo “declínio e caos das guerras e crises econômicas” (Huapaya, 2016, p. 114). A montagem feita por esses criadores é uma resposta ao anacronismo do mundo e é constituída por textos e imagens, a fim de se voltar contra o lustro das narrativas e imagens oficiais acerca das tragédias históricas ocorridas no tempo em que nos coube viver:

⁶ Um Homero que fala português brasileiro em tom grego – um brasileiro helenizado – , cuja origem, como nos ensinou o judeu Walter Benjamin, em *A tarefa do tradutor* (2008), essa tarefa não é estática nem única, inserida no fluxo do devir, mas marcada pela restauração e pela abertura contidas no gesto tradutório, que reconstitui a origem, sempre incompletamente, pois a completude, a possibilidade de alcançar a “essência última”, é da ordem do impossível: nas traduções “[...] a vida do original, em renovação constante, alcança um outro e mais extenso desdobramento”, justamente no desdobramento marcado por “metamorfose e renovação do que vive, o original se modifica” (Benjamin, 2008, p. 54-55).

⁷ Trata-se da prática e da teoria de uma tradução criadora que dá vida nova aos textos traduzidos e é movida por “uma insatisfação com a ideia ‘naturalizada’ de tradução, ligada aos pressupostos ideológicos de restituição da verdade (fidelidade) e literalidade (subserviência da tradução a um presumido ‘significado transcendental’ do original) – ideia que subjaz a definições usuais, mais ‘neutras’ (tradução ‘literal’), ou mais pejorativas (tradução ‘servil’, da operação tradutora” (Campos, 2013, p. 79).

A montagem será precisamente uma das respostas fundamentais a esse problema de construção da historicidade. Porque não está orientada simplesmente, a montagem escapa às teleologias, torna visíveis as sobrevivências, os anacronismos, os encontros de temporalidades contraditórias que afetam cada objeto, cada acontecimento, cada pessoa, cada gesto. Então, o historiador renuncia a contar “uma história”, mas, ao fazê-lo, consegue mostrar que a história não é senão todas as complexidades do tempo, todos os estratos da arqueologia, todos os pontilhados do destino (Didi-Huberman, 2012, p. 212).

Há, entretanto, montagens e montagens, versões e versões, todas interessadas, o sabemos. O cinema mostrou primeiro, basta ver as produções russas de Eisenstein, sempre evidenciando a luta de classes e em favor dos trabalhadores⁸, e as da cineasta alemã Leni Riefenstahl⁹, em favor da superioridade racial de homens e mulheres germânicos, assim como pelo seu “fascínio com o material que tem à mão (assistentes, câmeras, caminhões, automóveis e, inclusive, atletas)” (Rovai, 2009, p. 101). Há, entretanto, algo em comum entre eles: tanto num caso quanto no outro, “emoção e raciocínio interferem no processo de inteligência, criação e sensibilidade do espectador” (Huapaya, 2016, p. 115) e é justamente este o mérito da montagem, assim como o anacronismo que lhe é próprio, o qual “coloca a imagem no passado, presente e futuro” (Huapaya, 2016, p. 114). Claro está, portanto, que no trabalho de montagem e produção de imagens que contam uma versão das tragédias históricas, é levada em conta a sua recepção. O espectador importa e não está subordinado “à individualidade do autor”, um e outro estão implicados no ato criativo da produção de imagens:

Na realidade, todo espectador, de acordo com sua individualidade, a seu próprio modo, e a partir de sua própria experiência – a partir das entranhas de sua fantasia, a partir da urdidura e trama de suas associações, todas condicionadas pelas premissas de seu caráter, hábitos e condição social, cria uma imagem de acordo com a orientação plástica sugerida pelo autor, levando-o a entender e sentir o tema do autor. É a mesma imagem concebida e criada pelo autor, mas esta imagem, ao mesmo tempo, também é criada pelo próprio espectador (Eisenstein, 2002, p. 29).

Consideradas essas características da montagem e os trabalhos de criadores que com ela lidaram para pensar, dar, a seus espectadores, a ver, ouvir, sentir e pensar, nesta elaboração se considera que assim como pensar uma imagem pode ajudar a conhecer melhor nossa história (Huapaya, 2016), também a montagem feita com textos filosóficos pode nos ajudar a pensar o passado, o presente e o futuro, assim como auxiliar a pensar nossa própria relação com a herança filosófica. O que vem a seguir, finalmente, é um gesto mínimo, nada mais do que a apresentação

⁸ O expoente da montagem deste cineasta é, para mim, a produção de *A greve*, de 1912. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VD40vLjRaNA>. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁹ Para a produção do *Olympia* (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=H3LOPhRq3Es> . Acesso em 11 jan. 2024), estreado em 1938, Riefenstahl selecionou imagens extraídas, aproximadamente, de 400 mil metros de filme, e fez a célebre montagem em que representou a beleza e a força física da raça ariana (Rovai, 2009).

de uma montagem de leitora que atuou em decorrência das perplexidades já descritas e movida pelo anacronismo próprio ao nosso tempo, pela tragédia histórica, marcada por *apartheid* e pela limpeza étnica, que parece não ter fim, mas que teve um começo – a criação do Estado de Israel – e pela necessidade de fazer algo diante do intolerável que é a condição do povo palestino, ainda mais exacerbada a partir de outubro de 2023. Partes mescladas dos três textos selecionados, de Deleuze sobre a Palestina, foram justapostas, com interferências minhas, ora por interpolações e adequações de tempos verbais ora por comentários e complementações, ou no corpo do texto ou em notas de rodapé, a fim de fazer aqueles textos fluírem e ganharem continuidade nas circunstâncias que nos coube viver. O que está em itálico foi extraído dos textos, o que está sem destaque é acréscimo meu¹⁰. Os efeitos de tal montagem sobre leitores dessa leitura, se acaso houver, serão avaliados por eles mesmos e, se funcionar de algum modo, fica como um convite à experimentação de outras montagens, de outras escrituras. Em suma, neste trabalho de ‘reencadeamento’ de quadros/textos subjaz a compreensão do “pensamento como ato de corte, de enquadramento e de montagem”, propriamente como tradução transcriadora (Acom, 2015, p. 19).

ENFIM, UM POUCO DE *PERVIVÊNCIA* DELEUZIANA E PALESTINA

A Europa não começou a pagar a dívida infinita que ela tem para com os judeus, mas fez com que um povo inocente a pagasse, os palestinos. O Estado de Israel foi construído pelos sionistas com o passado [...] de seu suplício, o inesquecível horror europeu – mas também sobre o sofrimento desse outro povo, com as pedras desse outro povo [Deleuze, 2016c]. Os sionistas fizeram daquele genocídio um mal absoluto. Transformar, porém, o maior genocídio da história em mal absoluto é uma visão religiosa e mística, não é uma visão histórica. Ela não interrompe o mal; pelo contrário, ela o propaga, faz com que ele recaia sobre outros inocentes, exige uma reparação, a qual faz com que esses outros sofram uma parte daquilo que os judeus sofreram (a expulsão, o confinamento em guetos, o desaparecimento como povo). Com meios mais ‘frios’ do que o genocídio, querem chegar ao mesmo resultado [Deleuze, 2016b].

¹⁰ Quando da comunicação oral dessa elaboração, no XXVI Simpósio de Filosofia, durante a leitura do texto, uma montagem em sequência de três imagens produzidas na Faixa de Gaza, coletadas da internet, fizeram parte da apresentação: foram apresentadas, em *looping*, a fotografia de um menino palestino que, ainda vivo e entre escombros, mira a câmera do fotógrafo, deixando o seu olhar ao mundo e a cada um de nós que contempla a foto; a imagem-sequência de um adolescente autista palestino que arremessa uma pedra contra um tanque de guerra e é lançado ao chão por um tiro israelense – a cena foi capturada por uma câmera de segurança instalada pelo próprio exército de Israel e, provavelmente, vazada e lançada ao mundo por alguém interno a ele, dando movimento contínuo ao gesto que lança a pedra e à morte: a imagem de um menino, de uma pedra e de uma morte rodam o mundo, trabalham em nossas almas e não nos autorizam a ficarmos indiferentes ao que vem se passando, há mais de 70 anos, com este povo inocente, que nada tem a ver com os infortúnios do povo judeu; outra fotografia com o olhar de um menino palestino dirigido à sua mãe – provavelmente o último e, ao mesmo tempo, eternizado pela lente de um fotógrafo – e que se infiltra nos sentidos de quem o vê.

O Estado de Israel deveria se instalar numa terra vazia, que o antigo povo hebreu esperava há muito tempo, onde transitavam alguns árabes quaisquer, vindos de outro lugar, guardiões de pedras adormecidas [Deleuze, 2016c]. Afinal, na versão sionista, aquela terra estava vazia, sendo há muito esperada pelo antigo povo hebreu e seus descendentes. Com a chegada do sionismo, os palestinos foram lançados ao esquecimento, ele necessitava da ausência do povo palestino, do seu desaparecimento. O movimento sionista mobilizou a comunidade judia na Palestina, não para a ideia de que os palestinos iam partir um dia e sim para a ideia de que o país estava “vazio”. Houve, claro, aqueles que, tendo chegado ao local, constataram o contrário e escreveram sobre isso! O grosso dessa comunidade, porém, agia diante das pessoas com as quais convivia fisicamente como se lá não estivessem (Deleuze, 2016a).

Antes da fixação dos judeus em território palestino, sionistas e aliados cogitaram vários outros lugares para a criação de uma pátria nacional judaica¹¹: a instalação poderia ter sido na gélida Patagônia; ou na ilha de Grand Island, situada no Rio Niágara, nos EUA; ou em uma porção do que hoje é o Quênia, de ótimo clima, porém rodeada de leões – em 1905, desistiram do projeto; ou em território russo, na fronteira com a China, *Birobidjan*, onde hoje é o território Oblast Autônomo Judaico; ou, por meio de um projeto nazista, instalar os judeus em Madagascar, território de colonização francesa, porém tomado pelo exército alemão; ou aqui perto, na Guiana Inglesa; ou, em território australiano, na Tasmânia. Porém, findada a II Guerra Mundial, criada a ONU, a pedido do Reino Unido e por clara interferência do movimento sionista, o plano de um ‘lar nacional para o povo judeu’ teve êxito na Palestina e deveria ser uma reparação pelo Holocausto, paga por um povo que nada tinha a ver com a dívida e sequer sabia daquele horror. Ocorre, porém, que essa terra não estava nem vazia, nem sem povo. Ainda assim, do lado sionista, *de uma ponta à outra do território ocupado, tratou de fazer não apenas como se o povo palestino não devesse mais existir, mas como se jamais tivesse existido. Israel [...] reserva-se o direito de negar a sua existência de fato, [Deleuze, 2016a]; de afirmar “não existe povo palestino” e manifestar-se sobre si mesmo com distinção: “Nós não somos um povo como os outros” por conta de nossa transcendência e da enormidade das nossas perseguições, daí o Estado de Israel exigir ser tratado como um povo fora da norma e dar início a uma ficção que se estende e pesa sobre os que defendem a causa palestina [...]: fazer com que todos aqueles que contestam as condições de fato e as ações do Estado sionista se passem por antissemitas. Essa operação encontra sua fonte*

¹¹ As informações a seguir são baseadas no verbete “Propostas de criação de um Estado judeu”, da Enciclopédia Livre Wikipédia. Trata-se de um verbete que passou por várias revisões e discussões, entre 2015 e 2020, está traduzido em 6 línguas, o que indica consistência de conteúdo, isto pela lógica da proposta de elaboração coletiva da Enciclopédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Propostas_de_cria%C3%A7%C3%A3o_de_um_Estado_judeu. Acesso em: 13 jan. 2024.

na fria política de Israel a respeito dos palestinos: forçá-los a partir, tratar a terra que lhes resta esvaziável. É um genocídio, mas um genocídio em que a exterminação física fica subordinada à evacuação geográfica: por serem apenas árabes em geral, os palestinos sobreviventes devem mesclar-se com outros árabes, o que explica as ações que forçam os palestinos ao exílio, desde 1948. O extermínio físico, quer seja ou não confiado a mercenários, está perfeitamente presente. Mas não é um genocídio, diz-se, pois ela não tem o “objetivo final”: com efeito, é um meio dentre outros¹² [Deleuze, 2016b].

Os serviços secretos israelenses provocam [...] a admiração do mundo. Mas o que é uma democracia cuja política se confunde tão bem com a ação desses serviços secretos? [...] Como Israel sairá disso, e dos territórios anexados, e dos territórios ocupados, e de seus colonos e de suas colônias, e de seus loucos rabinos? [...] Ocupação, ocupação infinita: as pedras lançadas vêm de dentro, elas vêm do povo palestino para lembrar que, num lugar do mundo, por pequeno que seja, a dívida foi invertida. O que os palestinos lançam são suas próprias pedras, as pedras vivas de seu país. Ninguém pode pagar uma dívida com homicídios [...], cada morto pede pelos vivos e os palestinos se infiltram na alma de Israel, trabalham esta alma como algo que a cada dia a sonda e a fura [Deleuze, 2016c]. Mas cada grito que acompanha as pedras, os tiros e foguetes lançados por trás dos muros que ainda restam na Faixa de Gaza, e agora também na Cisjordânia, se infiltra, ainda, na alma de quem assiste ao genocídio por uma tela que enche sua mão e diz: somos um povo como os outros, queremos ser apenas isso... [Deleuze, 2016b].

REFERÊNCIAS

- ACOM, Ana Carolina. *Didática-cinemática: Escrita em meio à Filosofia-Educação*. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Educação). Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2015.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução: Karlheinz Barck e outros. In: BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 51-65.
- CAMPOS, Haroldo. Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora. In: TÁPIA, M. & MÉDICI NÓBREGA, T. (orgs.) *Haroldo de Campos – Transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcreve em educação?* Porto Alegre: UFRGS/Doisa, 2013.

¹² No início de novembro de 2023, quando esta montagem estava sendo feita, o ministro do Patrimônio israelense, Amichay Eliyahu, declarou em entrevista a uma rádio que não estava totalmente satisfeito com a escala da retaliação israelense no território palestino, após o ataque mortal do Hamas em solo israelense em 7 de outubro. Ao jornalista que lhe perguntou se, em sua opinião, a solução para o problema seria lançar “uma espécie de bomba nuclear sobre toda a Faixa de Gaza, arrasá-la e matar a todos”, o ministro respondeu: “É uma opção” – portanto, o objetivo final povoa a mente de, ao menos, um sionista. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2023/11/05/ministro-de-israel-e-sancionado-apos-sugerir-uso-de-bomba-nuclear-em-gaza.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 5 nov. 2023.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: Filosofia prática*. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. Tradução: Guilherme Ivo. São Paulo: 34, 2016.

DELEUZE, Gilles. Os índios da Palestina. In: DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. Tradução Guilherme Ivo. São Paulo: 34, 2016a, p. 202-208.

DELEUZE, Gilles. Grandeza de Yasser Arafat. In: DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. Tradução: Guilherme Ivo. São Paulo: 34, 2016b, p. 252-256.

DELEUZE, Gilles. As Pedras. In: DELEUZE, Gilles. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*. Tradução Guilherme Ivo. São Paulo: 34, 2016c, p. 352-354.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Tradução: Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. *Revista Pós*. Belo Horizonte, vol. 2, n.4, p. 204-219, nov. 2012.

EISENSTEIN, Sergei. *A Forma do Filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HEUSER, Ester Maria Dreher. O que um professor transcria ao ensinar filosofia? In: RODRIGUES, Carla Gonçalves [et al.] (Org.). *Caderno de Notas 10: Traduções do Arquivo Escrito*. Coleção Escrito. Porto Alegre: UFRGS/ Doisa, 2018. 195 p.

HUAPAYA, Cesar. Montagem e Imagem como Paradigma. *Rev. Bras. Estud. Presença*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 110-123, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/rXLdfGRXnbpjJfSpHzYV6LM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PETERLE, Patricia. Pervivência e sobrevivência. Florianópolis: *Jornal Rascunho*, edição 155, março 2013. Disponível em: <https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/pervivencia-e-sobrevivencia/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

ROVAI, Mauro. Imagem e técnica como itinerários das Ciências Sociais: considerações sobre o cinema de Leni Riefenstahl. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n. 71, out. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/PXsYDWbDZWQytmGN3rXLphd/?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SANBAR, Elias. *La Palestine expliquée à tout le monde*. Paris: SEUIL, 2013.